



## Brincar para incluir: A Ludicidade como Ponte para a Inclusão de Crianças com TEA

**Ketlen Rebeca do Carmo Vasconcelos** – Centro de Educação Infantil Joaquim Lula - Licenciada em Letras Língua e Literatura Portuguesa - [rebecavasconcelos486@gmail.com](mailto:rebecavasconcelos486@gmail.com)

**Eixo 01 - Inovação, Educação Especial e Inclusão em contextos amazônicos: explorar metodologias; processos educativos inovadores; experiências, práticas; tecnologias em espaços educacionais amazônico.**

### INTRODUÇÃO

Na Educação Infantil, a aprendizagem é mediada por múltiplas linguagens, como as cores, os sons e as interações afetivas. Considerando a singularidade de cada criança, é necessário construir práticas inclusivas que utilizem o lúdico como ferramenta de aprendizagem. Este relato apresenta a experiência pedagógica com a aluna Ana Liz Silva, 4 anos, diagnosticada com Transtorno do Espectro Autista (TEA), suporte 2. A proposta pedagógica centra-se no uso de recursos lúdicos como estratégia para estimular sua comunicação, interação e participação em sala de aula.

Este projeto tem como objetivo promover a inclusão escolar da aluna por meio do uso de atividades lúdicas que favoreçam a socialização, a comunicação e o desenvolvimento cognitivo, ampliando sua autonomia no cotidiano escolar. A prática foi estruturada em três etapas:

1. Observação diagnóstica das necessidades, barreiras e preferências da aluna;
2. Planejamento pedagógico com recursos lúdicos adaptados, como cartões visuais, jogos de associação, atividades sensoriais, músicas e brincadeiras coletivas;
3. Aplicação em sala de aula, com rodas de conversa apoiadas por imagens, jogos de cores e formas, percussão com instrumentos simples e atividades de



movimento. O processo foi acompanhado por registros pedagógicos e ajustes contínuos, de modo a garantir a participação efetiva da aluna.

Na escola, a proposta contribuiu para ampliar a sensibilidade dos colegas em relação à inclusão, fortalecendo uma cultura de respeito às diferenças. Ainda que seja um processo em construção, noto pequenas mudanças no olhar e na forma como as crianças se relacionam com a Ana Liz, demonstrando mais respeito e disposição para interagir com ela nas atividades. Isso tem fortalecido, pouco a pouco, uma cultura de respeito às diferenças dentro da sala, mostrando que quando criamos oportunidades de brincar juntos, todos aprendem e crescem.

Na comunidade escolar, a proposta também começa a refletir positivamente. Os familiares da aluna acompanham o desenvolvimento e se sentem acolhidos ao perceber que a escola se preocupa em criar estratégias que favoreçam a participação da criança em diferentes momentos. Isso reforça o papel da instituição como espaço democrático e inclusivo, que não apenas ensina conteúdos, mas promove o acolhimento da diversidade e a construção de vínculos sociais mais solidários.

Por fim, a experiência tem mostrado que o brincar, quando pensado de forma intencional, é muito mais do que uma simples atividade recreativa: é uma ferramenta poderosa de inclusão e de aprendizagem. O trabalho com a aluna ainda está em andamento e, mesmo em seu início, já possibilita observar avanços significativos em sua socialização, comunicação e participação. Pequenos progressos, como o olhar atento durante uma música, a tentativa de repetir um gesto ou a iniciativa de se aproximar dos colegas durante um jogo, revelam o quanto essas práticas têm potencial para transformar não apenas o desenvolvimento da aluna, mas também a vivência coletiva da turma, que aprende, junto com ela, a conviver com as diferenças de maneira mais afetuosa e respeitosa.



## Referências Bibliográficas

- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017.
- MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Inclusão Escolar: O que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Moderna, 2003.